



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Síntese da entrevista com Pedro Ubirajara Rosa

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.06.013.SIN

Entrevistado/a: Pedro Ubirajara Rosa

Entrevistador/a/es: Fabiana Zanadrea e Graciela Deon Rodrigues

Tema: História de vida/Religiões Afro/Carnaval/Racismo

Data: 07 e 14 de abril de 2026

Local: AHMJSA - Caxias do Sul

BIOGRAFIA:

Pedro Ubirajara Rosa nasceu no dia 1º de junho de 1989 em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (Brasil). Filho de Sergio Ubirajara da Silva Rosa e de Celi Rosa. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade de Caxias do Sul. Possui MBA em Comunicação e Semiótica. Tem experiência na área de Linguística, Letras e Artes, com ênfase em Artes Visuais, carnaval, cultura popular, performances culturais e religiões afro-brasileira. Cenógrafo, fotógrafo e artista plástico. Atuou como bolsista PROBIC/FAPERGS na área de Antropologia. Atualmente é professor da rede pública municipal de ensino de Caxias do Sul. Fonte: Informações obtidas na entrevista e informações coletadas do Lattes em 16/09/2025.

TEMAS PRESENTES NO RELATO:

A infância, a adolescência e os estudos

Memórias da infância e histórias que os pais contavam sobre a avó Sebastiana.

Relato sobre sua trajetória escolar nos ensinos fundamental e médio. Lembranças de colegas, das escolas e das professoras. O suporte intelectual recebido na Escola Santo Antônio, a convivência com os colegas e a integração entre a turma. O privilégio de ter os pais em condições de custear uma escola privada. A mudança, no final do ensino fundamental, para uma escola pública e o consequente choque de realidade.

Cita as professoras Sintian Schimit e Carla Sasset. Algum tempo depois, reencontram-se como colegas de profissão nas escolas.

Comenta sobre o racismo no ambiente escolar. O estudo do componente curricular de História e o constrangimento ao abordar a escravidão. O apagamento da população negra na narrativa histórica e sua recorrente associação à escravidão.

O ingresso na Faculdade de Direito, o estudo paralelo sobre o Carnaval e, posteriormente, a mudança de curso para Artes Visuais. O contato permanente com a arte por meio da família. O estímulo proporcionado pelo pai às artes, à música, ao Carnaval, entre outras manifestações culturais.

A relação com o Clube Gaúcho, instituição da qual seu pai foi presidente. As vivências, as diferentes expressões culturais, as experiências e o Carnaval, entre outras lembranças. O envolvimento do pai com a escola de samba Protegidos da Princesa e a relação com o Monsenhor Hilário Pandolfo.

A religiosidade

A religiosidade em sua trajetória de vida. Na infância, era católico, tendo recebido sua formação escolar em uma instituição católica. Participava de eventos promovidos pelo pai no Clube Gaúcho, entre eles as missas afro vinculadas ao catolicismo. Ao longo do tempo, foi compreendendo e construindo sua própria religiosidade, até tornar-se babalorixá.

O interesse pelos sambas-enredo das escolas de samba, o aprofundamento dos estudos e o fascínio pelo jogo de búzios.

O aprofundamento das pesquisas sobre o Carnaval e a atuação como bolsista voluntário da professora Liliane Guterres. A participação em seminário de turismo sobre o Carnaval. A presença de personalidades importantes do Carnaval do Rio de Janeiro, como Maria Augusta Rodrigues, o professor Felipe Ferreira e a professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. A produção de artigo sobre o Carnaval.

Menciona o professor Rafael José dos Santos, que sugere a pesquisa sobre a cultura das religiões afro-brasileiras.

O ingresso no PROBIC/FAPERGS, por meio de iniciação científica, para desenvolver seu trabalho de pesquisa no terreiro de Mãe Sônia de Oxalá, acompanhando as sessões de Umbanda. O vínculo estabelecido com o terreiro, as amizades e as trocas de conhecimentos e experiências.

Torna-se filho de santo. Ingressa na Umbanda e no Batuque. A consulta ao oráculo para a descoberta e confirmação de seu orixá, Bará. A construção de sua compreensão enquanto homem negro e negro afro-religioso.

Inicia sua trajetória como docente no Estado e, posteriormente, manifesta o desejo de atuar na rede municipal. Após ser aprovado no concurso público municipal, inicia seu processo de formação e atuação no sacerdócio das religiões afro-brasileiras.

Explica sobre as religiões afro: Batuque, Umbanda e Quimbanda. Embora apresentem semelhanças, possuem diferenças em seus fundamentos e práticas. Os rituais de iniciação na Umbanda e no Batuque. O trabalho de orientação e acolhimento espiritual desenvolvido no exercício do sacerdócio.

Reflete sobre a presença significativamente maior de pessoas brancas do que negras na prática das religiões afro-brasileiras. O acolhimento dessas religiões em relação às questões de gênero. O não proselitismo das religiões afro.

As crianças e sua compreensão natural acerca das religiões afro-brasileiras. Não há necessariamente um estudo objetivo ou sistematizado; o conhecimento é construído sobretudo por meio da prática e da vivência.

Fala sobre a sacralização animal e a visão deturpada que algumas pessoas possuem acerca desse ritual. A concepção sobre a morte: não há uma ruptura absoluta entre céu e terra, mas uma compreensão de que ambos estão interligados.

O Carnaval

O despertar para o Carnaval ocorreu quando presenciou, ao lado do pai, a escola Unidos É o Tchan. O gosto pelos sambas-enredo e a produção dessas composições. O acompanhamento das escolas de samba do Rio de Janeiro e a compreensão acerca do significado e da dimensão cultural do Carnaval.

Cita Rosa Magalhães, grande carnavalesca do Rio de Janeiro, como uma importante inspiração em sua trajetória.

Começa a participar da escola Protegidos da Princesa e, posteriormente, ingressa na Nação Verde e Branco, juntamente com a presidente da escola, Rosaura Moreira Pinto.

Permanece um período afastado do Carnaval de Caxias do Sul e dedica-se ao estudo do Carnaval do Rio de Janeiro.

Recebe o convite para atuar como jurado no Carnaval de Uruguaiana. Participa da Rádio Gaúcha como comentarista do Carnaval. Estabelece vínculo com Vinícius Brito.

O período em que Caxias do Sul permaneceu sem Carnaval. O retorno à escola Nação Verde e Branco. A parceria com Germano Weirich na produção de samba-enredo sobre a Livraria que vira Bloco.

A participação em concurso de samba-enredo, em Porto Alegre, para a escola de samba Portela, do Rio de Janeiro. A preparação, a dedicação e a chegada à condição de finalista. O sentimento de derrota. A readaptação do samba-enredo criado para o concurso para o desfile da escola Nação Verde e Branco. A conquista da nota dez no desfile realizado em Caxias do Sul.

A participação no *podcast* Carnaval e Parintins, ao lado de Cássio Silva.

Considerações sobre o Carnaval de Caxias do Sul. A construção de credibilidade em diálogo com outras redes culturais da cidade. A profissionalização do Carnaval. A festa como uma necessidade cultural para a cidade. Uma nova perspectiva sobre as escolas de samba na captação de recursos, na utilização das leis de incentivo e na gestão cultural.

As escolas de samba e seus saberes específicos, envolvendo criatividade, improvisação e inteligência.

A contribuição e a presença de pessoas brancas nas escolas de samba.

A educação

A educação básica e a escola de samba. A escola de samba como espaço de flexibilidade e aprendizagem, caracterizado por uma estrutura espontânea, pelo acolhimento e pelo lazer.

Os desafios enfrentados pela escola básica para acolher os estudantes em salas numerosas, diante das múltiplas demandas e do aumento de estudantes com comprometimentos cognitivos contemporâneos que necessitam de Atendimento Educacional Especializado.

O trabalho desenvolvido com o núcleo QuERER e as reflexões realizadas com os professores. A educação antirracista como elemento contribuinte para a construção de novas perspectivas e maneiras de compreender a realidade a partir de sua vivência e sua experiência.

Relata situações de racismo que vivenciou como professor e os respectivos encaminhamentos.

Outros assuntos

Fala sobre o Corpo de Lanceiros Negros, do qual faz parte e que foi idealizado por seu pai. O destaque recebido pelo grupo na Revista Caras. O fortalecimento, o engajamento e a elevação da autoestima dos integrantes.

Considerações sobre a necessidade de uma convivência interracial pautada por maior fraternidade. A difícil elaboração decorrente dos traumas históricos da escravidão e a construção de escudos psicossociais.